

Os Cisnes Selvagens

Muito, muito longe, naquele país para onde as andorinhas voam de nós no inverno, vivia um rei. Ele tinha onze filhos e uma filha, Elisa.

Os onze irmãos príncipes já frequentavam a escola; no peito de cada um brilhava uma estrela, e ao lado tilintava uma espada; escreviam em tábuas de ouro com estiletos de diamante e sabiam ler perfeitamente, tanto pelo livro quanto de cor — dava no mesmo. Logo se percebia que eram verdadeiros príncipes quem lia! A irmãzinha deles, Elisa, sentava-se num banquinho de vidro espelhado e examinava um livro de figuras, pelo qual se havia pago meio reino.

Sim, as crianças viviam bem, mas não por muito tempo!

O pai delas, o rei daquele país, casou-se com uma rainha má, que não gostava das pobres crianças. Elas tiveram de sentir isso logo no primeiro dia: no palácio havia festa, e as crianças começaram a brincar de visitas, mas a madrasta, em vez dos diversos bolinhos e maçãs assadas que sempre recebiam à vontade, deu-lhes uma xícara de chá cheia de areia e disse que podiam imaginar que aquilo era o regalo.

Uma semana depois, ela entregou a irmãzinha Elisa para ser criada no campo por uns camponeses, e, passado pouco mais tempo, conseguiu falar tanto ao rei sobre os pobres príncipes que ele não quis mais nem vê-los.

— Voem embora, são e salvos, para os quatro cantos do mundo! — disse a rainha má. — Voem como grandes pássaros sem voz e cuidem de si mesmos!

Mas ela não pôde fazer-lhes todo o mal que desejaria: eles transformaram-se em onze belos cisnes selvagens, saíram gritando pelas janelas do palácio e voaram sobre parques e florestas.

Era madrugada quando passaram pela cabana onde a irmãzinha Elisa ainda dormia profundamente. Eles começaram a voar sobre o telhado, esticavam seus pescoços flexíveis e batiam as asas, mas ninguém os ouviu nem viu; assim, tiveram de partir de mãos vazias. Subiram altíssimo, até quase tocar as nuvens, e voaram para uma grande floresta escura que se estendia até o mar.

A pobrezinha Elisa estava na cabana dos camponeses e brincava com uma folhinha verde — não tinha outros brinquedos; fez um buraco na folha, olhou através dele para o sol e parecia-lhe ver os olhos claros de seus irmãos; quando os raios quentes do sol deslizavam por sua face, ela lembrava-se dos ternos beijos deles.

Os dias passavam, um igual ao outro. Acaso o vento balançava os roseiros que cresciam perto da casa e sussurrava às rosas: "Há alguém mais belo que vós?" — as rosas balançavam suas cabecinhas e respondiam: "Elisa é mais bela". Acaso alguma velhinha, num domingo, sentava-se à porta de sua casinha lendo o saltério, e o vento virava as páginas, dizendo ao livro: "Há alguém mais devoto que tu?" — o livro respondia: "Elisa é mais devota!" Tanto as rosas quanto o saltério diziam a pura verdade.

Mas eis que Elisa completou quinze anos, e foi enviada de volta para casa. Ao ver quão bonita ela estava, a rainha enfureceu-se e passou a odiar a enteada. Teria prazer em transformá-la também num cisne selvagem, mas não podia fazê-lo imediatamente, porque o rei queria ver sua filha.

Assim, cedo pela manhã, a rainha foi ao banho de mármore, todo adornado com tapetes maravilhosos e almofadas macias, pegou três sapos, beijou cada um e disse ao primeiro:

— Senta-te na cabeça de Elisa quando ela entrar no banho; que ela se torne tão obtusa e preguiçosa quanto tu! E tu — disse à segunda — senta-te na sua testa! Que Elisa fique tão feia quanto tu, e que o pai não a reconheça! E tu — sussurrou à terceira sapo — deita-te sobre seu coração! Que ela se torne malvada e sofra por isso!

Depois, soltou os sapos na água transparente, e a água imediatamente ficou toda verde. Chamando Elisa, a rainha despiu-a e mandou que entrasse na água. Elisa obedeceu, e um sapo sentou-se no alto de sua cabeça, outro na testa e o terceiro no peito; mas Elisa nem percebeu, e, assim que saiu da água, três papoulas vermelhas flutuaram sobre ela. Se os sapos não tivessem sido envenenados pelo beijo da bruxa, teriam se transformado, após repousarem na cabeça e no coração de Elisa, em rosas vermelhas; a moça era tão devota e inocente que a magia não pôde de modo algum afetá-la.

Vendo isso, a rainha má esfregou Elisa com sumo de noz, de modo que ela ficou totalmente castanha, untou-lhe o rostinho com uma pomada fedorenta e embaraçou seus cabelos maravilhosos. Agora não era possível reconhecer a bela Elisa. Até seu pai se assustou e disse que aquela não era sua filha. Ninguém a reconhecia, exceto o cão de guarda e as andorinhas, mas quem daria ouvidos a pobres criaturas!

Elisa chorou e pensou em seus irmãos expulsos, saiu sorrateiramente do palácio e passou o dia inteiro caminhando por campos e pântanos, dirigindo-se à floresta. Elisa mesma não sabia bem para onde devia ir, mas sentia tanta saudade de seus

irmãos, que também haviam sido expulsos de casa, que decidiu procurá-los por toda parte até encontrá-los.

Não permaneceu muito tempo na floresta quando já anoiteceu, e Elisa perdeu completamente o caminho; então deitou-se sobre o musgo macio, rezou a oração antes de dormir e inclinou a cabeça sobre um toco. Na floresta reinava silêncio, o ar estava tão quente, na grama cintilavam, como pequenas luzes verdes, centenas de vaga-lumes, e quando Elisa tocava com a mão algum arbusto, eles caíam na grama como chuva de estrelas.

Toda a noite Elisa sonhou com seus irmãos: todos eram novamente crianças, brincavam juntos, escreviam com estiletos nas tábuas de ouro e examinavam o maravilhoso livro de figuras que custara meio reino. Mas não escreviam nas tábuas risquinhos e zeros como antes — não, descreviam tudo o que tinham visto e vivido. Todas as imagens do livro estavam vivas: os pássaros cantavam, e as pessoas saíam das páginas e conversavam com Elisa e seus irmãos; mas bastava ela querer virar a folha — elas pulavam de volta, caso contrário haveria confusão nas ilustrações.

Quando Elisa acordou, o sol já estava alto; ela nem conseguia vê-lo direito por causa da folhagem densa das árvores, mas alguns raios filtravam-se entre os galhos e corriam pela grama como coelhinhos dourados; da vegetação emanava um perfume maravilhoso, e os passarinhos quase pousavam nos ombros de Elisa. Não longe dali ouvia-se o murmúrio de uma fonte; descobriu-se que ali corriam vários grandes riachos que desaguavam num lago com fundo de areia maravilhoso. O lago estava cercado por uma sebe viva, mas num lugar os cervos selvagens haviam aberto para si uma passagem larga, e Elisa pôde descer até a própria água. A água do lago era limpa e transparente; se o vento não movesse os ramos das árvores e dos arbustos, poder-se-ia pensar que árvores e arbustos estavam pintados no fundo, tal era a clareza com que se refletiam no espelho das águas.

Ao ver seu rosto na água, Elisa assustou-se completamente, tão negro e horrível ele estava; então ela apanhou um punhado de água, esfregou os olhos e a testa, e novamente brilhou sua pele branca e delicada. Então Elisa despiu-se totalmente e entrou na água fresca. Seria difícil encontrar no mundo inteiro uma princesa tão linda!

Vestindo-se e trançando seus longos cabelos, ela foi até a fonte murmurante, bebeu água diretamente das mãos e depois continuou a caminhar pela floresta, sem saber para onde. Pensava em seus irmãos e esperava que Deus não a abandonasse: fora Ele quem ordenara que crescessem as maçãs silvestres para alimentar os famintos; foi Ele também quem lhe indicou uma dessas macieiras,

cujos galhos se curvavam sob o peso dos frutos. Tendo matado a fome, Elisa apoiou os galhos com varinhas e adentrou ainda mais no coração da floresta. Ali reinava tal silêncio que Elisa ouvia seus próprios passos, ouvia o farfalhar de cada folha seca que encontrava sob os pés. Nem um único passarinho voava para aquela solidão, nem um único raio de sol penetrava através da espessa trama de ramos. Os altos troncos erguiam-se em fileiras compactas, como paredes de toras; nunca antes Elisa se sentira tão só.

À noite tornou-se ainda mais escuro; no musgo não brilhava nenhum vaga-lume. Tristemente Elisa deitou-se na grama, e de repente pareceu-lhe que os ramos acima dela se afastavam, e o próprio Senhor Deus olhava para ela com olhos bondosos; pequenos anjinhos espreitavam por detrás de Sua cabeça e por debaixo de Seus braços.

Acordando pela manhã, ela mesma não sabia se aquilo fora sonho ou realidade. Seguindo adiante, Elisa encontrou uma velhinha com uma cesta de frutas silvestres; a velhinha deu à moça um punhado de bagas, e Elisa perguntou-lhe se onze príncipes haviam passado por ali, pela floresta.

— Não — disse a velhinha —, mas ontem vi aqui no rio onze cisnes com coroas de ouro.

E a velhinha levou Elisa até um precipício, abaixo do qual corria o rio. Em ambas as margens cresciam árvores que estendiam seus ramos uns em direção aos

uns aos outros seus longos ramos densamente cobertos de folhas. Aquelas árvores que não conseguiam entrelaçar seus galhos com os de seus irmãos na margem oposta esticavam-se tanto sobre a água que suas raízes saíam da terra, e mesmo assim alcançavam seu objetivo.

Elisa despediu-se da velhinha e dirigiu-se à foz do rio que desaguava no mar aberto.

E eis que diante da jovem se abriu um maravilhoso mar sem limites, mas em toda sua extensão não se avistava nenhuma vela, nem um único barquinho no qual pudesse empreender uma longa viagem. Elisa olhou para as inúmeras pedras lançadas à praia pelo mar; a água as havia polido de tal modo que estavam completamente lisas e redondas. Todos os demais objetos arremessados pelo mar: vidro, ferro e pedras também traziam marcas desse polimento, embora a água fosse mais suave que as mãos delicadas de Elisa, e a jovem pensou: "As ondas rolam incansavelmente umas após as outras e finalmente poluem até os objetos mais duros. Trabalharei pois eu também incansavelmente! Obrigada pela lição,

ondas claras e rápidas! Meu coração diz-me que algum dia vocês me levarão até meus queridos irmãos!"

Sobre algas secas lançadas pelo mar jaziam onze penas brancas de cisne; Elisa recolheu-as e amarrou-as num feixe; nas penas ainda brilhavam gotas orvalho ou lágrimas, quem sabe? Solitário era aquele litoral, mas Elisa não o sentia assim: o mar representava uma eterna variedade; em poucas horas podia-se ver ali mais do que num ano inteiro às margens de quaisquer lagos interiores de água doce. Se uma grande nuvem negra avançava pelo céu e o vento fortalecia, o mar parecia dizer: "Também posso escurecer!" começava a borbulhar, agitar-se e cobrir-se de carneirinhos brancos. Se porém as nuvens eram rosadas e o vento acalmava, o mar assemelhava-se a uma pétala de rosa; às vezes tornava-se verde, outras vezes branco; mas por mais calma que houvesse no ar e por mais tranquilo que estivesse o próprio mar, junto à costa percebia-se constantemente um leve ondular a água erguia-se suavemente, como o peito de uma criança adormecida.

Quando o sol estava próximo do ocaso, Elisa viu uma fila de cisnes selvagens voando em direção à costa, com coroas douradas; eram onze cisnes no total, e voavam um atrás do outro, formando uma longa fita branca. Elisa subiu e escondeu-se atrás de um arbusto. Os cisnes pousaram não muito longe dela e bateram suas grandes asas brancas.

No exato momento em que o sol desapareceu sob a água, as plumas dos cisnes caíram repentinamente, e na terra encontraram-se onze belos príncipes, os irmãos de Elisa! Elisa gritou alto; reconheceu-os imediatamente, apesar de terem mudado bastante; seu coração lhe dizia que eram eles! Lançou-se nos braços deles, chamou-os todos pelos nomes, e como eles se alegraram ao ver e reconhecer sua irmãzinha, que tanto crescera e embelezara. Elisa e seus irmãos riram e choraram e logo souberam uns dos outros quão mal a madrastra havia procedido com eles.

"Nós, irmãos", disse o mais velho, "voamos na forma de cisnes selvagens durante todo o dia, desde o nascer até o pôr do sol; quando porém o sol se põe, retomamos nossa forma humana. Por isso, na hora do pôr do sol, devemos sempre ter terra firme sob nossos pés: caso nos transformássemos em pessoas durante nosso voo sob as nuvens, cairíamos imediatamente de uma altura tão terrível. Não vivemos aqui; muito, muito além do mar existe uma país igualmente maravilhoso como este, mas o caminho até lá é longo, é preciso atravessar todo o mar, e no trajeto não há uma única ilha onde possamos passar a noite. Apenas bem no meio do mar ergue-se um pequeno rochedo solitário, no qual conseguimos de alguma maneira descansar, apertados uns contra os outros. Se o mar está bravio, os respingos de água saltam até acima de nossas cabeças, mas agradecemos a Deus mesmo por esse refúgio: sem ele, jamais conseguiríamos visitar nossa querida pátria e agora,

para essa travessia, somos obrigados a escolher os dois dias mais longos do ano. Apenas uma vez por ano é permitido voltarmos à pátria; podemos permanecer aqui onze dias e voar sobre esta grande floresta, de onde avistamos o palácio onde nascemos e onde vive nosso pai, e o campanário da igreja onde repousa nossa mãe. Aqui até os arbustos e árvores nos parecem familiares; aqui pelas planícies continuam correndo os cavalos selvagens que víamos em nossa infância, e os carvoeiros continuam cantando as mesmas canções sob as quais dançávamos quando crianças. Esta é nossa pátria, aqui nos atrai todo o nosso coração, e foi aqui que te encontramos, querida e amada irmãzinha! Mais dois dias podemos permanecer aqui, depois devemos voar para além do mar, para uma terra estranha! Como então levar-te conosco? Não temos navio nem barco!"

"Como poderia libertá-los do encantamento?", perguntou a irmã aos irmãos.

Assim conversaram quase a noite inteira e adormeceram apenas por algumas horas.

Elisa acordou com o ruído das asas dos cisnes. Os irmãos haviam novamente se tornado aves e voavam no ar em grandes círculos, depois desapareceram completamente de vista. Com Elisa permaneceu apenas o mais novo dos irmãos; o cisne colocou a cabeça sobre seus joelhos, e ela acariciava e separava suas peninhas. Passaram o dia inteiro juntos; ao entardecer chegaram os demais, e quando o sol se pôs, todos retomaram novamente a forma humana.

"Amanhã devemos partir daqui e só poderemos voltar no próximo ano, mas não te abandonaremos aqui!", disse o irmão mais novo. "Terás coragem suficiente para voar conosco? Minhas mãos são fortes o bastante para carregar-te através da floresta; acaso não seremos todos capazes de transportar-te sobre nossas asas através do mar?"

"Sim, levai-me convosco!", disse Elisa.

Passaram a noite inteira tecendo uma rede de vime flexível e junco; a rede saiu grande e resistente; nela colocaram Elisa. Transformados em cisnes ao nascer do sol, os irmãos agarraram a rede com seus bicos e elevaram-se com a querida irmã, que dormia profundamente, rumo às nuvens. Os raios do sol incidiam diretamente sobre seu rosto, por isso um dos cisnes voou acima de sua cabeça, protegendo-a do sol com suas amplas asas.

Já estavam muito distantes da terra quando Elisa acordou, e pareceu-lhe estar vivendo um sonho, tão estranho lhe era voar pelos ares. Ao seu lado jaziam um galho com maravilhosas bagas maduras e um feixe de saborosas raízes; o irmão mais novo as colhere e colocara junto a ela, e ela lhe sorriu gratefully, pois

compreendera que fora ele quem voara sobre ela e a protegera do sol com suas asas.

Voavam alto, muito alto, de modo que o primeiro navio que avistaram no mar lhes pareceu uma gaivota flutuando sobre a água. No céu atrás deles havia uma grande nuvem uma verdadeira montanha! e sobre ela Elisa viu as sombras gigantescas em movimento dos onze cisnes e a sua própria. Que quadro! Nunca antes vira algo semelhante! Mas à medida que o sol subia mais alto e a nuvem ficava cada vez mais para trás, as sombras aéreas foram pouco a pouco desaparecendo.

Voaram o dia inteiro como uma flecha lançada de um arco, embora mais devagar que o habitual; agora carregavam a irmã. O dia começou a declinar para a tarde, levantou-se uma tempestade; Elisa observava com medo o sol que descia, e o rochedo solitário no mar ainda não aparecia. Pareceu-lhe então que os cisnes batiam as asas com esforço redobrado. Ah, era ela a culpada por não poderem voar mais rápido! Se o sol se pusesse, tornar-se-iam homens, cairiam no mar e se afogariam! E ela começou a orar a Deus de todo o coração, mas o rochedo não aparecia. Uma nuvem negra aproximava-se, fortes rajadas de vento anunciavam a tormenta, as nuvens agruparam-se numa única onda ameaçadora de chumbo que rolava pelo céu; relâmpago seguia relâmpago.

Com uma de suas bordas, o sol quase já tocava a água; o coração de Elisa tremia; os cisnes de repente voaram para baixo com velocidade inacreditável, e a jovem já pensou que todos estavam caindo; mas não, continuaram voando. O sol havia desaparecido pela metade sob a água, e somente então Elisa viu abaixo de si o rochedo, não maior que uma foca erguendo a cabeça fora da água. O sol apagava-se rapidamente; agora parecia apenas uma pequena estrela brilhante; mas eis que os cisnes pisaram em terra firme, e o sol extinguiu-se como a última faísca de um papel queimado. Elisa viu ao seu redor os irmãos, de mãos dadas; todos mal cabiam naquele tiny rochedo. O mar batia furiosamente contra ele e os cobria com uma chuva inteira de respingos; o céu

Ardia com relâmpagos, e o trovão estrondava a cada minuto, mas a irmã e os irmãos davam-se as mãos e cantavam um salmo que infundia em seus corações consolo e coragem.

Ao amanhecer, a tempestade acalmou-se, tudo tornou-se novamente claro e tranquilo; com o nascer do sol, os cisnes partiram voando mais longe com Eliza. O mar ainda estava agitado, e eles viam, lá de cima, como flutuava sobre a água verde-escura, semelhando incontáveis bandos de cisnes, a espuma branca.

Quando o sol subiu mais alto, Eliza viu diante de si como que um país montanhoso flutuando no ar, com massas de gelo brilhante sobre as rochas; entre as rochas

erguia-se um enorme castelo, envolto por ousadas galerias aéreas feitas de colunas; abaixo dele balançavam florestas de palmeiras e flores luxuriantes, do tamanho de rodas de moinho. Eliza perguntou se era aquele o país para onde voavam, mas os cisnes abanaram a cabeça: ela via diante de si o maravilhoso castelo de nuvens em eterna transformação, a Fata Morgana; para lá não ousavam levar nenhuma alma humana. Eliza voltou a fixar o olhar no castelo, e eis que montanhas, florestas e o castelo se uniram, formando vinte igrejas majestosas e idênticas, com campanários e janelas ogivais. Pareceu-lhe até ouvir sons de órgão, mas era apenas o ruído do mar. Agora as igrejas estavam bem perto, mas de repente transformaram-se numa inteira flotilha de navios; Eliza olhou mais atentamente e viu que era simplesmente nevoeiro marinho elevando-se sobre a água. Sim, diante de seus olhos desfilavam imagens e quadros aéreos em eterna mudança! Mas finalmente surgiu a verdadeira terra para onde voavam. Lá se erguiam montanhas maravilhosas, florestas de cedros, cidades e castelos.

Muito antes do pôr do sol, Eliza sentava-se numa rocha diante de uma grande caverna, como que adornada com tapetes verdes bordados — tão densamente cresciam nela plantas rasteiras de um verde terno.

— Vamos ver que sonhos terás aqui esta noite! — disse o mais novo dos irmãos, indicando à irmã seu quarto de dormir.

— Ah, se eu pudesse sonhar como libertá-los do encantamento! — disse ela, e esse pensamento não lhe saía da cabeça.

Eliza começou a orar fervorosamente a Deus e continuou sua prece mesmo durante o sono. Então sonhou que voava muito, muito alto pelo ar até o castelo da Fata Morgana e que a fada mesma saía ao seu encontro, tão luminosa e bela, mas ao mesmo tempo espantosamente semelhante à velhinha que dera a Eliza bagas na floresta e lhe falara dos cisnes com coroas de ouro.

— Teus irmãos podem ser salvos — disse ela. — Mas terás coragem e firmeza suficientes? A água é mais suave que tuas mãos delicadas e ainda assim poliu pedras, mas ela não sente a dor que sentirão teus dedos; a água não tem coração que definhe de medo e tormento como o teu. Vês esta urtiga em minhas mãos? Tal urtiga cresce aqui junto à caverna, e somente ela, além daquela que cresce nos cemitérios, pode servir-te; nota-a bem! Colherás esta urtiga, embora tuas mãos se cubram de bolhas pelas queimaduras; depois amassarás com os pés, fiarás das fibras obtidas longos fios, então tecerás deles onze camisas-peitorais de mangas compridas e as lançarás sobre os cisnes; então o feitiço desaparecerá. Mas lembra-te: desde o momento em que começares teu trabalho até que o termines, ainda que dure anos inteiros, não debes proferir uma única palavra. A primeira

palavra que escapar de tua língua traspassará os corações de teus irmãos como uma adaga. A vida e a morte deles estarão em tuas mãos! Lembra-te bem de tudo isto!

E a fada tocou sua mão com a urtiga ardente; Eliza sentiu dor como de uma queimadura e acordou. Já era dia claro, e ao seu lado jazia um molho de urtigas, exatamente igual àquela que vira agora no sonho. Então caiu de joelhos, agradeceu a Deus e saiu da caverna para começar imediatamente seu trabalho.

Com suas mãos delicadas arrancava a urtiga má e ardente, e suas mãos cobriam-se de grandes bolhas, mas ela suportava a dor com alegria: bastava conseguir salvar seus queridos irmãos! Depois amassou a urtiga com os pés descalços e começou a fiar a fibra verde.

Com o pôr do sol chegaram os irmãos e assustaram-se muito ao vê-la muda. Pensaram que fosse novo feitiço de sua madrasta má, mas, ao olharem para suas mãos, compreenderam que ela se tornara muda para salvá-los. O mais novo dos irmãos chorou; suas lágrimas caíam sobre as mãos dela, e onde caía cada lágrima desapareciam as bolhas ardentes, acalmava-se a dor.

Eliza passou a noite trabalhando; o descanso não lhe vinha à mente; pensava apenas em como libertar o mais depressa possível seus queridos irmãos. Todo o dia seguinte, enquanto os cisnes voavam, permaneceu completamente sozinha, mas nunca o tempo correrá para ela com tanta rapidez. Uma camisa-peitoral estava pronta, e a jovem começou a seguinte.

De repente, nas montanhas ouviram-se sons de cornetas de caça; Eliza assustou-se; os sons aproximavam-se cada vez mais, depois ouviu-se o latido de cães. A moça escondeu-se na caverna, amarrou num molho toda a urtiga que colhera e sentou-se sobre ele.

No mesmo instante, dos arbustos saltou um cão grande, depois outro e outro mais; latiam alto e corriam de um lado para o outro. Alguns minutos depois, todos os caçadores reuniram-se junto à caverna; o mais belo entre eles era o rei daquele país; aproximou-se de Eliza — jamais encontrara tamanha beleza!

— Como chegaste aqui, criança formosa? — perguntou ele, mas Eliza apenas abanou a cabeça; pois não ousava falar: de seu silêncio dependiam a vida e a salvação de seus irmãos. Escondeu as mãos sob o avental, para que o rei não visse quanto sofria.

— Vem comigo! — disse ele. — Não podes ficar aqui! Se és tão boa quanto bela, vestir-te-ei de seda e veludo, porei em tua cabeça uma coroa de ouro, e viverás em meu magnífico palácio! — E colocou-a na sela diante de si; Eliza chorava e torcia

as mãos, mas o rei disse: — Quero apenas tua felicidade. Um dia tu mesma me agradecerás!

E levou-a através das montanhas, enquanto os caçadores galopavam atrás.

Ao anoitecer apareceu a magnífica capital do rei, com igrejas e cúpulas, e o rei conduziu Eliza ao seu palácio, onde em altos aposentos de mármore jorravam fontes, e paredes e tetos eram adornados com pinturas. Mas Eliza não olhava para nada, chorava e angustiou-se; entregou-se indiferentemente às criadas, que a vestiram com trajes reais, entrelaçaram em seus cabelos fios de pérolas e calçaram em seus dedos queimados luvas finas.

Os ricos adornos combinavam tão bem com ela, estava tão deslumbrantemente bela neles, que toda a corte se curvou diante dela, e o rei proclamou-a sua noiva, embora o arcebispo abanasse a cabeça, sussurrando ao rei que a bela da floresta devia ser bruxa, que lhes encantara os olhos e enfeitiçara o coração do rei.

O rei, contudo, não quis ouvi-lo, deu sinal aos músicos, ordenou que chamassem as mais belas bailarinas e servissem pratos caros à mesa, e ele mesmo conduziu Eliza através de jardins perfumados até magníficos aposentos, enquanto ela permanecia triste e melancólica como antes. Mas então o rei abriu a porta de um pequeno quarto situado exatamente junto ao dormitório dela. O quarto estava todo adornado com tapetes verdes e lembrava a caverna da floresta onde encontraram Eliza; no chão jazia um molho de fibra de urtiga, e no teto pendia a camisa-peitoral tecida por Eliza; tudo isso, como uma curiosidade, trouxera da floresta um dos caçadores.

— Aqui poderás recordar tua antiga morada! — disse o rei.

— Aqui está também teu trabalho; talvez desejes às vezes distrair-te, no meio de toda a pompa que te cerca, com recordações do passado!

Ao ver o trabalho tão caro ao seu coração, Eliza sorriu e corou; pensou na salvação dos irmãos e beijou a mão do rei, e ele a apertou contra o peito e ordenou que tocassem os sinos por ocasião de seu casamento. A muda bela da floresta tornou-se rainha.

O arcebispo continuou a sussurrar ao rei palavras malignas, mas elas não atingiam o coração do rei, e o casamento realizou-se. O próprio arcebispo teve de colocar a coroa na noiva; de raiva, pressionou tão fortemente sobre a fronte dela o estreito aro de ouro que qualquer outro sentiria dor, mas ela nem sequer prestou atenção nisso: que significava para ela a dor física, se seu coração definhava de saudade e compaixão pelos queridos irmãos! Seus lábios permaneciam cerrados, nenhuma

palavra escapou deles — sabia que de seu silêncio dependia a vida dos irmãos —, mas em seus olhos brilhava

amor ardente por um bom e belo rei, que fazia tudo apenas para agradá-la. A cada dia ela se apegava a ele cada vez mais. Oh! Se ao menos pudesse confiar-lhe, confessar-lhe seus sofrimentos, mas — ai de mim! — precisava calar-se até terminar sua tarefa. Às noites, saía sorrateiramente do quarto real para seu aposento secreto, semelhante a uma caverna, e ali tecia uma camisa de malha após outra; mas quando já começara a sétima, acabou-lhe toda a fibra.

Ela sabia que poderia encontrar tal urtiga no cemitério, mas deveria arrancá-la com as próprias mãos; como então proceder?

"Oh, o que é a dor do corpo comparada à tristeza que dilacera meu coração!", pensava Eliza. "Preciso decidir-me! O Senhor não me abandonará!"

Seu coração apertava-se de medo, como se fosse cometer um mau ato, quando se esgueirava numa noite de luar pelo jardim, depois pelas longas alamedas e ruas desertas até o cemitério. Sobre largas lápides sentavam-se bruxas repugnantes; haviam despojado seus trapos, como se fossem banhar-se, rasgavam com dedos ossudos sepulturas frescas, extraíam delas os corpos e os devoravam. Eliza teve de passar junto a elas, e elas fitavam-na com olhos maus arregalados; mas ela fez uma oração, colheu a urtiga e voltou para casa.

Apenas uma pessoa não dormira naquela noite e a vira: o arcebispo; agora estava convencido de que tivera razão ao suspeitar da rainha, pois ela era uma bruxa e por isso conseguira enfeitiçar o rei e todo o povo.

Quando o rei foi ter com ele no confessionário, o arcebispo contou-lhe o que vira e o que suspeitava; palavras malignas choviam de sua boca, e as imagens entalhadas dos santos balançavam as cabeças, como se quisessem dizer: "Não é verdade, Eliza é inocente!" Mas o arcebispo interpretava aquilo à sua maneira, dizendo que até os santos testemunhavam contra ela, balançando as cabeças em reprovação. Duas grandes lágrimas rolaram pelas faces do rei; a dúvida e o desespero apoderaram-se de seu coração. Naquela noite, ele apenas fingiu dormir; na realidade, o sono fugira dele. E assim viu que Eliza se levantava e desaparecia do quarto; nas noites seguintes repetiu-se o mesmo; ele a seguiu e viu como ela sumia em seu aposento secreto.

A fronte do rei tornava-se cada vez mais sombria; Eliza notava isso, mas não compreendia a causa; seu coração doía de medo e de piedade pelos irmãos; sobre a púrpura real rolavam lágrimas amargas, brilhantes como diamantes, e as pessoas que viam suas ricas vestes desejavam estar no lugar da rainha! Mas logo, muito

logo, terminaria sua tarefa; faltava apenas uma camisa, e com o olhar e com gestos pediu-lhe que se retirasse; naquela noite precisava concluir seu trabalho, caso contrário todos os seus sofrimentos, lágrimas e noites sem sono teriam sido em vão! O arcebispo saiu, proferindo contra ela palavras injuriosas, mas a pobre Eliza sabia que era inocente e continuou a trabalhar.

Para ajudá-la pelo menos um pouco, os ratinhos que corriam pelo chão passaram a recolher e trazer aos seus pés os caules de urtiga espalhados, enquanto um tordo, sentado atrás da janela gradeada, consolava-a com seu canto alegre.

Ao amanhecer, pouco antes do nascer do sol, onze irmãos de Eliza apareceram aos portões do palácio e exigiram que os deixassem entrar para ver o rei. Responderam-lhes que isso de modo algum era possível: o rei ainda dormia e ninguém ousava incomodá-lo. Eles continuaram a implorar, depois começaram a ameaçar; surgiu a guarda, e então o próprio rei saiu para saber do que se tratava. Mas naquele instante o sol nasceu, e não havia mais irmãos nenhuns — sobre o palácio elevaram-se onze cisnes selvagens.

O povo afluiu em massa para fora da cidade a fim de ver como queimariam a bruxa. Uma égua miserável puxava a carroça onde ia Eliza; lançaram sobre ela um manto de grosseira estopa; seus maravilhosos cabelos longos estavam soltos sobre os ombros, no rosto não havia uma gota de sangue, os lábios moviam-se suavemente, murmurando preces, enquanto os dedos teciam o fio verde. Mesmo a caminho do local da execução, não largava das mãos o trabalho iniciado; dez camisas de malha jaziam completas a seus pés, e ela tecia a décima primeira. A multidão zombava dela.

"Olhem para a bruxa! Vejam como resmunga! Decerto não é um livro de orações que tem nas mãos — não, está sempre mexendo com suas feitiçarias! Arranquemo-las das mãos e rasguemo-las em pedaços."

E aglomeravam-se em torno dela, prestes a arrancar-lhe das mãos o trabalho, quando de repente chegaram voando onze cisnes brancos, pousaram nas bordas da carroça e bateram ruidosamente suas poderosas asas. A multidão assustada recuou.

"Isto é um sinal celestial! Ela é inocente", sussurravam muitos, mas não ousavam dizê-lo em voz alta.

O carrasco agarrou Eliza pelo braço, mas ela rapidamente lançou sobre os cisnes as onze camisas, e... diante dela ergueram-se onze belos príncipes, exceto o mais moço, a quem faltava um braço; em seu lugar havia uma asa de cisne: Eliza não conseguira terminar a última camisa, e nela faltava uma manga.

"Agora posso falar!", disse ela. "Sou inocente!"

E o povo, que presenciara tudo quanto acontecera, inclinou-se diante dela como perante uma santa, mas ela, sem sentidos, caiu nos braços dos irmãos — tão grande fora o efeito sobre ela do esforço incessante, do medo e da dor.

"Sim, ela é inocente!", disse o irmão mais velho, e contou tudo como ocorrera; e enquanto ele falava, espalhou-se no ar uma fragrância como de muitas rosas — cada lenha da fogueira criou raízes e brotos, formando um alto arbusto perfumado, coberto de rosas vermelhas. No próprio topo do arbusto brilhava, como uma estrela, uma flor ofuscantemente branca. O rei arrancou-a, colocou-a sobre o peito de Eliza, e ela recobrou os sentidos, para alegria e felicidade!

Todos os sinos das igrejas tocaram por si mesmos, aves acorreram em bandos inteiros, e dirigiu-se ao palácio uma procissão nupcial como nenhum rei jamais vira!